

Tropeiros, Caminhos e Queijos no Planalto das Araucárias

Drovers, Trails, and Cheeses in the Araucaria Plateau

Ulisses de Arruda Córdova¹

Ulisses Mateus Ramos Córdova²

Andréia Pires dos Santos³

¹Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

²Colégio Valmir Omares Nunes

³Tribunal de Justiça de Santa Catarina

*Autor correspondente: ulisses@epagri.sc.gov.br

Resumo

O artigo aborda duas atividades de grande relevância histórica e econômico-social nos campos do Planalto das Araucárias, que está localizado no Nordeste do RS e Centro-Sul de Santa Catarina. O tropeirismo e a produção de queijo artesanal serrano possuem diversas similaridades: tiveram início na mesma época, os motivos da ocorrência são semelhantes, os atores possuem a mesma etnia, têm abrangência no mesmo território, criaram uma cultura própria, usavam o mesmo meio de transporte e um ser social único no Brasil, o serrano ou biriva. Mesmo sendo o queijo artesanal serrano um produto regional, enquanto o troperismo foi um ciclo de influência nacional. Enquanto o queijo artesanal serrano uniu regiões de planalto e litorâneas, o troperismo interligou as províncias do Sul as do centro do Brasil e deu forma definitivas aos estados meridionais. No compasso lento das tropas por mais de dois séculos ou no escambo do queijo artesanal serrano por mercadorias beira-mar, houve um contínuo contato com outros povos originando hábitos e costumes próprios, resultando numa sociedade forjada por um ambiente hostil devido às condições climáticas, pela tenaz e justa resistência dos povos originários, pretensões espanhola de ocupar terras mais ao norte da América do Sul e diversos movimentos armados.

Palavras-chave: Tropeirismo. Caminhos das tropas. Queijo artesanal serrano. Planalto das Araucárias. Cristóvão Pereira de Abreu.

Abstract

The article addresses two activities of great historical and economic-social relevance in the fields of Planalto das Araucárias, which is located in the Northeast of RS and Center-South of Santa Catarina. Tropeirismo and the production of artisanal mountain cheese have several similarities: they began at the same time, the reasons for the occurrence are similar, the actors have the same ethnicity, cover the same territory, created their own culture, used the same means of transport and a unique social being in Brazil, the serrano or biriva. Even though artisanal Serrano cheese is a regional product, troperismo was a cycle of national influence. While artisanal mountain cheese united plateau and coastal regions, troperismo interconnected the southern and central provinces of Brazil and gave definitive shape to the southern states. In the slow pace of troops for more than two centuries or in the exchange of artisanal mountain cheese for seaside goods, there was continuous contact with other peoples that gave rise to its own habits and customs, resulting in a society forged by a hostile environment due to climatic conditions, due to the tenacious and fair resistance of the original peoples, Spanish intentions to occupy lands further north in South America and various armed movements.

Keywords: Tropeirism. Troop paths. Artisanal serrano cheese. Planalto das Araucárias. Cristóvão Pereira de Abreu.

1 Introdução

O ciclo do tropeirismo foi um dos mais importantes da economia brasileira nos primórdios do século XVIII à metade do século XX. Ocorreu desde os países do Prata (Uruguai e Argentina) e nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Sul da Bahia. Um dos produtos tradicionais brasileiros mais ligados ao tropeirismo é o queijo artesanal serrano. Este artigo destaca e estreita relação entre essas duas importantes atividades da economia brasileira, porém o local de abordagem será restrito aos campos de altitude do Planalto das Araucárias, onde há aproximadamente três séculos é produzido o queijo artesanal serrano.

O Planalto das Araucárias está localizado no nordeste do Rio Grande do Sul e centro-sul de Santa Catarina, abrangendo 18 municípios em SC e 16 no RS, o que

praticamente coincide com a indicação geográfica, na modalidade de denominação de origem, Campos de Cima da Serra para queijo artesanal serrano. Boldrini (2009, org.) inclui os municípios de Alfredo Wagner e Anitápolis (SC), como pertencendo ao Planalto das Araucárias (Figura 1), apesar da topografia destes últimos ser mais acidentada e menor densidade da árvore que o denomina. Dessa forma os municípios encontram-se entre as “latitudes 27°15’S e 29°45’S e as longitudes 49°00’W e 51°30’W” (idem).

Desde o início da ocupação, no final do século XVII e início do seguinte por bandeirantes e tropeiros paulistas, essa extensa região tem na pecuária de corte a principal fonte formadora da renda. Tal fato se deve a predominância de campos naturais com centenas de espécies de gramíneas e leguminosas forrageiras. Segundo Duncan & Jarman, citado por Moraes, Maraschin, Nabinger (1995), os campos naturais sulbrasileiros têm um número de espécies, em termos de biodiversidade, que ultrapassa o total encontrado nas florestas tropicais úmidas. Então “esta riqueza florística traz um fato pouco comum ao registrado no restante do mundo, que é a associação de espécies C4, de crescimento estival, com espécies C3, de crescimento hibernal” (idem).



Figura 1 – Delimitação do Planalto das Araucárias

Fonte: Boldrini (2009, org.).

A existência de boas pastagens naturais (Figura 2) e a presença de bovinos, nos primórdios da ocupação nos campos do Planalto das Araucárias, foram decisivos para o estabelecimento de propriedades e o surgimento do Ciclo do Tropeirismo, bem como um dos produtos mais tradicionais dessa região de altitude, o queijo artesanal serrano. No relatório apresentado (...) sobre a abertura do Caminho dos Conventos, ligando Laguna a Curitiba, Francisco de Souza Faria, conta que, quando conseguiu vencer a Serra Geral, deu “logo com campos e pastos admiráveis e nele imensidade de gado” (Elke, s.d., citado por Costa, 1982).



Figura 2 – Campos do Planalto das Araucárias.

Foto: Ulisses de Arruda Córdova.

2 Ocupação do Planalto das Araucárias

Antes da ocupação pelos europeus, povos originários já habitavam o território catarinense. Segundo Santos (1973), no litoral predominavam os Carijó. No interior, ocupando florestas, vales e planaltos, viviam os Xokleng e os Kaingang que se localizavam mais ao oeste de SC. No RS os Guarani ocupavam as regiões central e Noroeste e vários povos mais ao Sul (principalmente Charruas e Minuanos, os chamados pampeanos), onde estão localizadas as planícies sul-rio-grandense.

As duas principais tribos que habitavam o Planalto das Araucárias (Xokleng e Kaingang) eram essencialmente nômades, por isso viviam em grupos integrados de 50 a 300 indivíduos. Mas como dependiam da caça e coleta de raízes, sementes e frutos,

tinham necessidade de explorarem grandes áreas e de se subdividirem em grupos menores. Por esse motivo, a presença desses povos, foi historicamente registrada num território bastante amplo, aparentando um contingente populacional muito maior do que o real. No entanto, com a chegada do europeu, as incursões indígenas foram se tornando mais raras e quase impossíveis pela presença definitiva dos novos ocupantes (SANTOS, 1973).

Conforme Córdova e Santos (2023) esse território começou a ser explorado no final do século XVII pelos jesuítas espanhóis. Eles se deslocavam para as regiões mais altas para observar o movimento dos portugueses no litoral. Dessas incursões resultaram nomes topográficos como Morro da Igreja, Campos dos Padres, Cemitério Jesuíta, entre outros que existem entre Bom Retiro, Urubici e Bom Jardim da Serra em SC.

A povoação definitiva dos campos de cima da serra de SC e RS teve início no século XVIII, por bandeirantes e tropeiros paulistas. E mais tarde por portugueses vindos de Laguna e Viamão - RS, atraídos pela grande disponibilidade de terras próprias para criação de gado e pela existência de rebanhos em estado feral.

No RS a primeira povoação que tem ligação direta com o Planalto das Araucárias foi Santo Antônio da Patrulha em 1743, pois abrangia todas as terras que pertencem ao ecossistema nesse Estado. A primeira vila fundada em SC foi Nossa Senhora dos Prazeres do Certão das Lagens em 1766, pelo capitão-mor Antônio Correia Pinto de Macedo. A razão principal de formar essa povoação foi estratégia militar, para impedir o avanço espanhol a partir do Sul, pois os jesuítas já haviam se instalado na margem mais meridional do Rio Pelotas.

Segundo Costa (1982), antecedendo a bandeira de Correia Pinto, essa vasta região de campos já contava com a presença de "franceses e espanhóis desertores" e uns poucos tropeiros e fazendeiros que se estabeleceram, logo após a abertura do Caminho dos Conventos por Francisco de Souza e Faria, entre 1728 e 1730. Portanto, antes da fundação de povoações, a região já era caminho de tropas que conduziam bovinos, equinos e muares para comercialização na Feira de Sorocaba na província de São Paulo. Desse modo, todos os principais municípios do Planalto das Araucárias, como São Joaquim, Curitiba e Campos Novos em Santa Catarina e Passo Fundo, Lagoa Vermelha, São Francisco de Paula, Vacaria e Bom Jesus no RS foram fundados por tropeiros ou paulistas radicados na região.

Certamente descende do rebanho, incluindo bovinos, equinos e muares, lançados na "Baqueria de los Piñares" pelos jesuítas em 1711, a origem do gado que Francisco de Souza Faria, ao abrir a Estrada dos Conventos, encontrou em grande quantidade ao subir a Serra Geral e adentrar em regiões mais planas e campos entremeados com mata de araucária. Essa enorme quantidade de gado lotado nessas paragens, era devida a farta alimentação dos campos naturais que predominavam entremeados com as matas de araucária, onde encontraram ambiente favorável a procriação. E foi devido a existência dessas pastagens nativas, povoadas principalmente de bovinos, que a ocupação foi intensificada.

Segundo Trindade (1981), "a sucessão de campos desde Vacaria no RS até Sorocaba em SP, forneceu condições favoráveis ao estabelecimento de três funções: criação de gado, circulação de tropas e estabelecimento das estações-invernadas". Este autor cita como sendo as formações campestres mais importantes as de Viamão (RS), os campos de Lages (SC) e as 'Gerais' de Curitiba.

3 O serrano

O tipo social que ocupou os campos do Planalto das Araucárias descende de tropeiros paulistas, bandeirantes e açorianos. Por um longo período, superior a 100 anos, a partir da colonização, essa região manteve-se praticamente isolado do litoral. As escarpas da Serra Geral, somente vencidas pelos cascos afiados das mulas, impediam a aproximação. E como também a economia, embasada na pecuária, era totalmente diferente dos povos beira-mar, o habitante que se formou nessas paragens igualmente se diferenciou, sob o aspecto sociocultural, do restante das províncias de SC e RS (CÓRDOVA, 2011).

Segundo Martorano (1982), pelo isolamento e dificuldades encontradas "ocupando o planalto, resultou o serrano. Tipo físico definido. Atividades econômicas semelhantes. Uma linguagem própria nas suas corruptelas. Até em seus costumes e sua cultura, um mundo próprio". Costa (1982), complementa "a vida rural dos pioneiros, difícil, dura, isolada, teria fatalmente de influir no seu temperamento social".

Outro fator que contribuiu para a formação cultural dos habitantes do Planalto das Araucárias, foi devido essa vasta região ter sido cenário de muitas disputas. Inicialmente, os colonizadores europeus tiveram de vencer a tenaz - e justa - resistência

dos povos originários, depois detiveram as invasões e as pretensões espanholas. Mais tarde participaram de diversos movimentos armados. "A `cara amarrada' presumivelmente representa apenas, uma postura permanente de legítima defesa subjetiva. Conservaram o espírito sempre em estado de beligerância" (COSTA, 2021).

A propósito, por mais de dois séculos as principais atividades do serrano foram a pecuária e o tropeirismo. Nos primórdios da ocupação do território, ele sempre estava na lida com o gado, tropeando para o norte do Brasil ou em direção ao mar, fazendo escambo por produtos de que necessitava (CÓRDOVA e SANTOS, 2023).

Além do mais, o isolamento das demais regiões, as longas e duradouras tropeadas, o clima frio durante metade do ano, a participação em revoluções e por sempre estar alerta, forjaram esse tipo social próprio no ambiente dos campos do Planalto das Araucárias, o serrano, também chamado de biriva. Ensimesmado, de poucas palavras, vivendo da pecuária, agricultura de subsistência e extrativismo, principalmente o pinhão. Ou seja, daquilo que era essencial para a sobrevivência em ambiente e condição desafiadores.

Biriva (ou biriba, beriba, beriva) era o tropeiro de origem paulista, que levava bovinos e muares para São Paulo ou então moradores dos campos de cima da serra que fazia permuta de produtos com as regiões litorâneas de SC e RS. Essa expressão era usada pelos habitantes do pampa, pois os biribas, vinham de áreas de matas, sendo esse o nome de uma árvore de floresta (RIBEIRO e POZENATO, 2005).

O modo de vida, extremamente ligado ao ambiente sofreu influência decisiva do tropeirismo, pois a necessidade assim exigia. Por mais de dois séculos houve intercâmbio de produtos e laços culturais com os territórios do Prata, regiões ao norte e litorâneas. De tudo isso nasceu uma cultura própria, única no Brasil (CÓRDOVA e SANTOS, 2023).

4 Tropeirismo

O Ciclo do Tropeirismo se constitui num dos mais importantes na história e na economia do Brasil. Pois, viabilizou a exploração de ouro em Minas Gerais e deu suporte a outras atividades como produção de cana-de-açúcar e posteriormente café. De fato, sem a carne de bovinos para alimentação e a valentia das mulas para o transporte, seria muito difícil extrair esse precioso metal localizado nas montanhas das "minas gerais".

O tropeirismo foi de extrema importância para a expansão das fronteiras na região Sul do Brasil, demarcando limites até as barrancas do Rio Uruguai e com a

província de Misiones (Argentina), portanto, não se tratava apenas de um ato mercantil, mas a junção das diversas conquistas que formaram o Brasil. E por mais de dois séculos intercambiou valores culturais, como dialetos, usos, costumes e tradições. Segundo Brum (1999) "um corredor cultural ao longo da rota dos muares, começando em Santa Fé (Argentina) e terminado em Sorocaba (São Paulo)". "A Estrada das Tropas foi o fator mais importante na consolidação da unidade brasileira" (DERENGOSKI, 2006). Ribeiro e Pozenato (2005), citam comentário do pesquisador Ellis Junior (Apud TRINDADE, 1992) que "talvez a estrada do Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância na história do Brasil, pois sem ela não teria havido o ciclo do ouro, não teria havido o café e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo".

É importante mencionar, que o tropeirismo na América do Sul remonta ao século XVI com a extração de prata em Potosí (atualmente território da Bolívia), quando mulas criadas nas províncias de Córdoba e Tucuman na Argentina, na época colônia da Espanha, eram levadas para essa região para servir de animais de transporte (ALBERTON, 2015). No Brasil teve início após a abertura do Caminho dos Conventos (Figura 3) com um objetivo bem definido: permitir a comercialização de tropas para as províncias de São Paulo e Minas Gerais, que enfrentavam desabastecimento e necessitavam de animais de carga para exploração de metais preciosos.

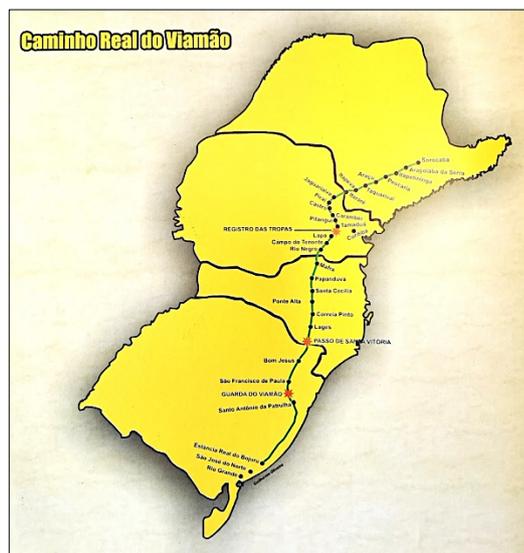


Figura 3 – Caminho das Tropas ou Caminho Real de Viamão

Fonte: <https://arrudafamilias.blogspot.com/2011/09/caminho-real-do-viamao-o-corredor-das.html>

Através do Caminho dos Conventos Cristóvão Pereira de Abreu deu início as grandes tropeadas no Brasil em duas ocasiões. Em 1730 quando chegou a São Paulo com 800 animais e nos anos seguintes levou 3.000 cabeças para comercialização no centro do Brasil, conforme Goulart (1961) citado por Alberton (2015). Ainda na mesma década (1738) esse mesmo tropeiro retificou o tortuoso e difícil Caminho dos Conventos, ligando o “Certão das Lajens” diretamente a Viamão (Figura 4). Além de reduzir a distância, a passagem era por campos e a topografia mais plana. Esse novo traçado, que viria ficar conhecido como Caminho das Tropas (ou Real Caminho de Viamão), intensificou definitivamente a ligação com as provinciais centrais. Por mais de dois séculos foi utilizado para levar bovinos, muares e equinos para comercialização em Sorocaba, que pertencia à Capitania de São Paulo.

Durante todo o período do Ciclo do Tropeirismo foram abertas outras rotas ou mesmo atalhos (Figura 4). Alguns para reduzir distâncias, outros para não pagar impostos que eram cobrados pela coroa portuguesa, principalmente em passos como Santa Vitória (inicialmente Passo da Guarda) no Rio Pelotas e Rio Negro. O caso mais emblemático é o Passo do Pontão, na junção dos rios Pelotas e Canoas, formando o Rio Uruguai entre Barracão (RS) e Campos Novos (SC). Essa rota alternativa foi uma forma de evitar a cobrança de impostos no Passo de Santa Vitória e permaneceu clandestino por 100 anos, de 1748 a 1848.



Figura 4 – Rota dos caminhos de tropas.

Fonte: < <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-primeiro-caminho-das-tropas-8crdny1ct68tssmqfi38ctam> > (Citado por Alberton, 2015).

Ainda segundo Brum (1999) “(...) o caminho das mulas xucas constituiu a espinha dorsal do Brasil. Ao longo desse caminho foram brotando povoações, algumas delas se transformaram em centros de difusão comercial e cultural de onde partiam outros caminhos nas direções de povoaamentos portuários”. No entanto, o tropeirismo por centenas de anos foi um ciclo ignorado no Brasil. “Esquecidos pela história, durante muito tempo foram relegados a algumas poucas notas na historiografia do Brasil, assim como suas fazendas, estâncias, o próprio caminho das tropas com seus inusitados corredores de pedra, os objetos da lida cotidiana, a indumentária e a culinária tropeira, patrimônio material e imaterial só muito recentemente pensados enquanto paisagem cultural” (BUENO; BARRETO; DIAS, 2021).

5 Cristóvão Pereira de Abreu

Cristóvão Pereira de Abreu, nasceu na freguesia de Fontão, na cidade portuguesa de Ponte de Lima, em 13 de julho de 1678, sendo filho de João de Abreu Filgueira e de Leonor de Amorim Pereira (TIMM, 2019). Faleceu na cidade de Rio Grande (RS). “É que, enquanto corre mundo a horrífica notícia do terremoto [Tragédia que ocorreu em Lisboa em 1755, deixando milhares de mortos], cobre-se de pesar o Rio Grande de São Pedro pelo falecimento do coronel Cristóvão Pereira de Abreu, dado e passado aos 21 dias do mês de novembro de 1755” (MEDINA, 2012).

Cristóvão Pereira de Abreu foi uma das personalidades mais importantes para a consolidação da atual unidade nacional. Foi o primeiro tropeiro a desbravar as picadas abertas que ligavam o Sul do Brasil ao centro da colônia. Misto de tropeiro, criador e guerreiro. Apesar de ser um homem instruído e descender de nobres portugueses, com conhecimentos de cartografia e topografia, com 22 anos "já andava arrematando couros na Colônia de Sacramento e relacionando-se com changadores, gaudérios, tropeiros de Santa Fé e os nativos" (COSTA, 2021).

A primeira grande realização de Cristóvão Pereira para a história do Brasil começou a ser traçada em 1731 quando retificou o Caminho dos Conventos, aberto por Francisco de Souza e Faria, entre 1728 a 1730. O traçado original começava em Araranguá, seguia até Turvo, quinava para o Norte subindo a Serra Geral em Bom Jardim da Serra. Desse ponto estranhamente rumava para leste, descendo novamente a mesma serra, até chegar ao Morro de Cambirela próximo a Florianópolis e desse ponto voltava-se para Oeste, até alcançar os Campos de Curitiba, seguindo para o Norte em direção a Sorocaba. O que fez Cristóvão Pereira, como tropeiro experiente e conhecedor dos Caminhos do Sul? De Bom Jardim, atalhou para os Campos de Lages e seguiu rumo ao Norte. Além de encurtar o traçado em quase a metade, o deslocamento passou a ser por campos limpos e com topografia mais favorável, o que implicava em enorme vantagem (CÓRDOVA, 2000).

No entanto, provavelmente entre 1738-1740, Cristóvão Pereira prova novamente que tinha grande sensibilidade para abrir caminhos, ao retificar definitivamente o Caminho das Tropas, simplificando ainda mais o seu traçado, ao abandonar a rota dos Conventos, na altura de Lages, dirigindo-se diretamente ao Rio Grande do Sul, passando pelo rio Pelotas, saindo nos Campos de Vacaria até a Colônia do Sacramento, na margem esquerda do Rio da Prata, atualmente território uruguaio (Idem). Nesse mesmo traçado seria construído mais tarde o Corredor das Tropas (Figura 5), numa extensão de

aproximadamente 80km, desde o Passo de Santa Vitória até as proximidades de Lages, passando por toda a Coxilha Rica (imensa região pastoril localizada ao Sul de Lages).



Figura 5 – Corredor das Tropas na Coxilha Rica.

Cristóvão Pereira de Abreu, em diversas oportunidades foi convocado pela coroa portuguesa, juntamente com seus tropeiros, para enfrentar os espanhóis na luta pelas terras do sul. Participou da fundação das cidades de Rio Grande e de Porto Alegre, também foi um dos responsáveis pela demarcação e povoamento da região missioneira por intermédio do Tratado de Madri em 1750 (CÓRDOVA, 2002).

Esse nobre português, foi sem dúvidas um dos personagens mais importantes para a atual configuração geográfica do Brasil, atuou no resgate do Rio de Janeiro tomado pelos franceses em 1711, delimitou fronteiras no Sul, abriu caminhos, participou da fundação de importantes povoações, por diversas vezes foi chamado para defender a Colônia de Santíssimo Sacramento. Porém, estranhamente é um personagem totalmente esquecido pela história oficial do Brasil. Não há nenhum “nome de rodovia (...). Nenhum nome de cidade (...) monumento ou estátua. Nem sequer uma placa de praça, de avenida, de rua, de beco, lembrando o fundador do Rio Grande do Sul” (LESSA, 1978). As únicas homenagens estão no município de Mostardas (RS), onde tinha propriedade, há um rincão denominado Cristóvão Pereira e um farol que leva seu nome.

6 Tropa arreada

Além das grandes tropas de mulas xucras que eram levadas para comercialização em Sorocaba, existia um segundo tipo de tropeiro que desafiava as serras e se dirigia as regiões litorâneas, sempre em direção a “boca” das serras. Eram as tropas arreadas ou cargueiras que levavam o que era produzido nos campos de cima da serra de SC e RS e traziam o que necessitavam dos comércios beira mar, como sal, farinha de mandioca e de trigo, açúcar, arroz, café, tecidos, remédios, entre outros.

Muitas propriedades possuíam suas próprias tropas de mulas para o intercâmbio comercial com o litoral, normalmente eram lotes de até 12 mulas, mais a égua madrinha (MARTORANO, 1982). As grandes fazendas possuíam tropeiros experientes que faziam essas excursões duas vezes ao ano “serra abaixo”. Mas também existiam os donos de tropas arreadas que prestavam serviço transportando diversos tipos de mercadorias em qualquer época.

As tropas de mulas arreadas “ligavam o poente ao nascente, os altiplanos com o oceano” (MARTORANO,1982).

7 Queijo artesanal serrano

A origem do queijo artesanal serrano está estritamente ligada a ocupação do Planalto das Araucárias, com a chegada dos primeiros tropeiros paulistas nas décadas iniciais do século XVIII que aqui se estabeleceram e mais tarde com a vinda de açorianos. Como já mencionado, os grandes atrativos eram uma região de campos naturais despovoada e com a presença de rebanhos em estado feral. Assim havia a necessidade de domesticar esses animais e uma alternativa era fazer queijos, inicialmente para própria substância e, mais tarde, torna-se importante fonte de renda dessas propriedades pioneiras. Os açorianos “valeram-se do espírito aventureiro e vieram para os altiplanos ocupar os campos e prear gado chimarrão, tornando-se fazendeiros e fazedores de queijos - tradição já secular nos açores aperfeiçoadas com a colaboração dos flamengos” (CÓRDOVA et al., 2010).

A produção do queijo artesanal serrano ocorre em um ambiente com características edafoclimáticas únicas no Brasil, que condicionaram a formação de uma vegetação campestre com características peculiares que se constitui na base da alimentação do rebanho bovino, os reconhecidos campos de altitude. Esses fatores

ambientais também propiciam as condições necessárias para o desenvolvimento de uma microbiota nativa diferenciada e condições favoráveis para a maturação do queijo em temperatura ambiente (RIES et al., 2021).

O processo produtivo do queijo artesanal serrano está há séculos enraizado no cotidiano das famílias. Caracteriza-se por um saber fazer que vem sendo transmitido de geração a geração desde os primórdios da ocupação desse vasto território. É produzido artesanalmente a partir de leite cru de vacas de corte ou mistas somente da propriedade, em um sistema de produção pouco intensivo. Constitui-se em importante fonte de renda para milhares de pecuaristas familiares, desde o período do tropeirismo, pois a região dos campos de cima da serra de SC e RS fez parte da rota desse importante ciclo da economia brasileira (idem).

Essa composição de fatores ambientais, sociais, econômicos e histórico-culturais resultam em um queijo com características sensoriais que o tornam único em relação aos queijos produzidos no Brasil, muito apreciado pelos consumidores e com grande notoriedade (RIES et al., 2021). Razão pela qual obteve a indicação geográfica, na modalidade de denominação de origem, tornando-se o primeiro queijo nacional com esse selo distintivo coletivo.

O queijo artesanal serrano era indispensável aos tropeiros sob dois aspectos, a comercialização e como alimentação durante as prolongadas jornadas, pois era um alimento, que bem maturado, conservava por um período prolongado e estava sempre pronto para consumo.

8 Queijos descem serras

A comercialização entre os serranos e os pontos de comércio no litoral era uma espécie de escambo ou troca de mercadorias. Dos altiplanos se levava frutas de clima temperado (maçãs, peras), couro, lã de ovelha, pinhão no outono-inverno, charque e principalmente queijo serrano, que era a principal moeda de troca.

Esse queijo era produzido nas estações estivais, peças grandes de até cinco quilos maturados por aproximadamente seis meses. Dessa maneira, ficavam firmes e não desformavam nas bruacas, além de não estragarem devido esse longo período de maturação.

Tinha enorme demanda, por isso era facilmente comercializado, mesmo tendo grande oferta, pois haviam muitos produtores que para próprio consumo, visavam o mercado litorâneo, até por que necessitavam de outros produtos que o clima não permitia produzir no ambiente “serra acima”.

O principal local de comercialização era o litoral Sul de SC, mesmo sendo o caminho mais difícil de acessar, pois era necessário descer a Serra do Rio do Rastro, em que, pois além de existir um forte ponto de comercialização no distrito de Guatá (município de Lauro Müller), era possível acessar outras localidades como Orleans, Urussanga, Tubarão e Laguna, locais com comércio bem desenvolvido (CÓRDOVA, et al., 2010).

A Tabela 1 registra os principais pontos de comercialização pelos tropeiros de mula arreada. Importante registrar que se tratava de preferência da maioria dos tropeiros, mas certamente nem todos seguiam regamente essas rotas.

Tabela 1 – Locais de comercialização, origem dos tropeiros e serras de acesso

Local de comercialização	Municípios atuais de origem dos produtores	Serra de acesso
Litoral Sul de SC	Lages, Paineira, São Joaquim, Bom Jardim da Serra, Urubici e Urupema.	Rio do Rastro
Alto Vale do Itajaí e Vale do Itajaí.	Lages, São José do Cerrito, Otacílio Costa, Correia Pinto e Ponte Alta.	Santinha (Santa)
Torres (RS) ¹	Lages e Capão Alto	Rocinha (RS)
Costa da linha ²	Capão Alto, Campo Belo do Sul, Cerro Negro e Anita Garibaldi	(Não havia serras na rota)

Fonte: Adaptado de Córdova, et al., 2010. 1 – Usada por produtores localizados próximo ao Rio Pelotas e passos na divisa com o RS. 2 – Esta rota surgiu após a abertura da Estrada de Ferro SP e RS.

Além das rotas citadas na Tabela 1 certamente tenham existido outras ou mesmo derivações, pois dependendo da localização da propriedade era mais lógico seguir por caminhos com menor deslocamento. Como também havia a venda direta na região ou mesmo na propriedade de produção para consumo ou comercialização.

9 Intercambiando laços culturais

O legado do Ciclo do Tropeirismo não teve reflexo somente na economia e ampliação territorial do Brasil, especialmente dos estados do Sul. Logo, resultou na

fundação de muitas cidades ao longo das diversas rotas, como já ressaltado, assim intercambiou cultura, informações e costumes. Na figura do biriva há uma cultura própria, não encontrada no restante do Brasil. Seja no linguajar, nos trajes ou na culinária. Além do ambiente, marcado pela altitude, baixas temperaturas, presença da araucária, havia o contato com povos de todo o cone sul da América. Assim os costumes de paulistas (portugueses do continente) e açorianos foram moldados a “ferro e fogo” na ocupação de uma região, resultando num ser social típico.

Um exemplo de adoção da cultura portuguesa são as taipas de pedra, que no centro-norte lusitano são comuns. Além dos famosos corredores de tropas, as taipas estão presentes em praticamente todas as propriedades, independente do tamanho. Embora a mão de obra para construção das taipas fosse basicamente de escravos e cafuzos, a herança é portuguesa.

O permanente contato com os povos platinos incorporaram ao linguajar serrano muitas palavras. Segundo Brum (1999) são exemplos: charque, aspa, mate, chiripa, chácara, guacho, galpão, poncho, entre tantas outras. “O movimento das tropas a partir do século XVIII permitiu a comunicação entre os mais distantes e isolados grupos sociais, desta forma promovendo a propagação da cultura através de danças, vestuário, culinária e, inevitavelmente, de aspectos linguísticos” (ARGENTON, 2015).

Segundo Martorano (1982) os tropeiros caracterizaram uma época, tinham integridade inabalável, respeito a propriedade alheia, criaram costumes, estabeleceram normas, eram educados no trato e respeitados. Davam nomes aos lugares, levavam notícias, apesar de que a vida de renúncia lhes tirou o riso fácil, tornando-os ensimesmados e de poucas palavras.

Para Fitz (2013), citado por Weizenmann (2020), o tropeirismo teve fundamental importância em difundir valores culturais. “Os tropeiros propagavam seus conhecimentos e ampliavam o repertório cultural por onde passavam, assim, sendo incontestável sua importância para a formação da sociedade contemporânea do Sul do país”.

10 Considerações finais

O tropeirismo contribuiu de forma definitiva para a consolidação geográfica do Brasil, especialmente nos estados do Sul, viabilizando ciclos importantes da economia

brasileira, como do ouro e café. A produção de queijo artesanal serrano teve início concomitante com o próprio tropeirismo e serviu tanto como produto comercial, como de alimentação. Os atores tinham a mesma etnia, paulistas e açorianos. Além da economia, contribuíram para a consolidação da história e cultura das regiões que transitaram por mais de dois séculos. Cidades importantes do Sul e Sudeste do Brasil foram fundadas por tropeiros.

Referências

ARGENTON, Silmara. **No badalar dos cincerros: léxico e representação da cultura tropeira na música regionalista gauchesca**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015. 109 f.: il.

BLOG DA FAMÍLIA ARRUDA, 2024. **Caminho do Viamão** – O corredor das tropas. Disponível em: <https://arrudafamilias.blogspot.com/2011/09/caminho-real-do-viamao-o-corredor-das.html>. Acesso em: 08/03/2024.

BOLDRINI, I. L. **Biodiversidade dos campos do Planalto das Araucárias** / Ilsi Iob Boldrini, organizador. Brasília: MMA, 2009. 240 p.: il. color; 29cm (Série Biodiversidade, v. 30).

BRUM, Nilo. **Bairros**. Caminhos do Sul, Porto Alegre: Metrópole, 1999. 167p.

BUENO, B. P. S.; BARRETO, A. P.; DIAS, G. S. **Cultura material e práticas sociais no Caminho do Viamão**: paisagens toponímicas, arqueologia do cotidiano das viagens, perfil e bagagem dos tropeiros (séculos XVIII e XIX). Anais do Museu Paulista, Nova Série, vol. 29, 2021, 187 p.

CÓRDOVA, U. de A et al. **Queijo artesanal serrano: séculos de travessia de mares, serras e vales** - A história nos campos da Serra Catarinense. Florianópolis, SC: Epagri, 2010. 43 p. (Documentos, 234).

CÓRDOVA, U. A. (Org.). **O queijo artesanal serrano nos campos do Planalto das Araucárias catarinense**. Epagri: Florianópolis, 2011. 122p. il.

CÓRDOVA, U. A. **Caminhos do Sul**. Correio Lageano/Suplemento Rural, Lages, 12/02/2002. p.4.

CÓRDOVA, U. A. **Quem foi Cristóvão Pereira de Abreu?** Correio Lageano/Suplemento Rural, Lages, 21/11/2000. p.4.

CÓRDOVA, U. A.; SANTOS, A. P. Serranos, gente simples com campo nos olhos. **Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 5-6, 2023.

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens:** sua história e influência no sertão da terra firme. / Licurgo Costa. -- 2. Ed. – Lages (SC): Graphel Gráfica e Editora Eireli, 2021. v. 1 (660p) : il.; 31,5 cm.

COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens;** sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982. 4v., 1739 p. (Cultura Catarinense: história, 4v.)

DERENGOSKI, Paulo Ramos. Apresentação. IN: ALMEIDA et al. **Caminho das Tropas:** caminhos, pousos e passos em Santa Catarina. Lages/SC: Editora Uniplac, 2006. 106p.

LESSA, Barbosa. **Rodeio dos ventos:** um tal Cristóvão Pereira. Porto Alegre: Editora Globo, 1978. p. 30-35.

MARTORANO, Dante. **Temas catarinenses.** Florianópolis. Ed. UFSC/Ed. Lunardelli, 1982. 196 p. il.

MEDINA, Sinval. **O cavaleiro da terra de ninguém:** vida e tempos de Cristóvão Pereira de Abreu. São Paulo: prumo, 2012. 432p.

MORAES, A.; MARASCHIN, G. E. & NABINGER, C. **Pastagens nos ecossistemas de clima tropical:** pesquisas para o desenvolvimento sustentável. In: Simpósio sobre pastagens os ecossistemas brasileiros: pesquisa para o desenvolvimento sustentável, Brasília, DF, 1995. Anais... Brasília, DF, Sociedade Brasileira de Zootecnia, 1995. p. 147 - 200.

RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. **Fronteiras sem divisas:** aspectos históricos e culturais da Usina Hidrelétrica Barra Grande. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005. 375p.: il; 21cm.

RIES, J. E. et al. **Queijo Artesanal Serrano dos Campos de Cima da Serra, a primeira Denominação de Origem para queijos brasileiros.** In: FERRONATO, E. M. O. Indicações Geográficas do Rio Grande do Sul registradas até março de 2021. Brasília: Ministério Agricultura, Pecuária e Abastecimento , 2022. p. 97-113. v. 1. ISBN 978-65-86803-65-5.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Índios e brancos no Sul do Brasil.** A dramática experiência dos Xoklengs. Florianópolis. 1973. 313p.

TIMM, Paulo. **Cristóvão Pereira de Abreu (1678-1755)** – ‘O Inventor do Rio Grande do Sul’. A Folha, Torres, 29/04/2019.

TRINDADE, Jaelson Bitran. **“Roteiro de tropas”:** o caminho do sul. SPHAN/FNPM. São Paulo, 1981. 13 p. (Mimeografado)

WEIZENMANN, Carlos Augusto. **A movimentação tropeira na abertura e consolidação dos caminhos meridionais do Brasil.** TCC (Monografia) - Graduação do Curso de História, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lageado, 2020. 60p.